

FOLKCOMUNICAÇÃO: BORDADO, IDENTIDADE E PATRIMÔNIO CULTURAL EM BERTIOGA-SP.¹

Cristina Schmidt²
FABE/Rede Folkcom/UFBA

RESUMO

O artesanato é uma forma de expressar vivências sociais. Por meio dele são registradas cenas do dia-a-dia, histórias, mitologias, sentimentos. No campo da Folkcomunicação esse processo pode ser definido como mecanismo comunicacional, suporte de informação para realizar trocas de mensagens, ideias, valores. Neste estudo delimitamos na arte dos bordados com o objetivo de verificar como a prática artesanal do bordado é folkmídia que transmite saberes, registra memórias e constitui-se patrimônio cultural. Por meio de uma pesquisa bibliográfica, seguida de levantamento documental e observação participante analisamos a experiência de um curso de bordado oferecido pela Prefeitura de Bertiooga em parceria com o SESC, onde se desenvolveu a técnica do bordado mexicano aplicado em temáticas relacionadas à fauna e flora local. Como resultado, pudemos constatar que houve sensibilização das aprendizes para questões relacionadas ao meio ambiente, às memórias afetivas. E, as bordadeiras Roses, como líderes de folkcom, criaram uma marca identitária ao artesanato local.

PALAVRAS-CHAVE

Folkcomunicação; Artesanato; Bordado; Identidade; Patrimônio Cultural.

INTRODUÇÃO

O artesanato é uma forma de expressar vivências sociais. Por meio dele são registradas cenas do dia-a-dia, histórias, mitologias, sentimentos. É a vida expressa em materiais e formas diversas. É a comunicação realizada entre os seus interlocutores por meio de canais próprios à sua identidade, localidade; ou seja, o artesanato e a arte popular são meios de expressão de grupos marginalizados.

No campo da Folkcomunicação esse processo pode ser definido como mecanismo comunicacional adotado pelos grupos populares como suportes de

¹ Trabalho apresentado no GT FOLKCOMUNICAÇÃO, do PENSACOM BRASIL 2022.

² Cristina Schmidt Silva Portéro. Fez estágio pós-doutoral na Cátedra Unesco/Methodista em Comunicação para o desenvolvimento regional. Doutora em Comunicação e Semiótica-PUC-SP, Mestre em Teoria e Ensino da Comunicação, e Graduada em Jornalismo pela UMESP. Diretora Científica da Rede Folkcom. Professora na Faculdade Bertiooga.

IX PENSACOM BRASIL – 07 e 08 de dezembro de 2022

informação para que possam realizar suas trocas de mensagens, ideias, valores. As dinâmicas que vão sendo criadas nesses processos de troca chegam a estabelecer redes comunicacionais interpessoais e interculturais de sociabilidade, de resistência e de luta. Isso quer dizer que das artes populares florescem muita informação, e de acordo com Luiz Beltrão (1971, p.123) elas constituem a “língua do povo, a expressão do seu pensar e do seu sentir, tantas vezes discordantes e mesmo opostos ao pensar e ao sentir das classes oficiais e dirigentes”.

De acordo com o artista e seu contexto, os produtos são caracterizados e trazem as marcas da singularidade cultural na qual estão inseridos, produtos esses que se configuram como suporte comunicacional. E, em conformidade com seu ideário, suas mensagens vão sendo construídas.

O contexto sociocultural é fundamental, pois serve como delimitador ou potencializador de expressões artísticas intrínsecas à sua constituição. Dele emergem os modos culturais e com eles métodos, técnicas, materiais. O artesanato configura-se de um cenário cultural e pode representar um demarcador de identidade local – de singularidade, que traz vivências e saberes ancestrais, e configura um potente meio de comunicação, registro cultural e constituição de patrimônio.

Neste estudo delimitamos o artesanato em uma expressão: a arte dos bordados que, na contemporaneidade, tem adquirido a função suporte, midiática, veículo de expressão dos conhecimentos de muitos grupos sociais, particularmente de mulheres. Para isso, por meio de uma observação participante vivenciamos um curso de bordado oferecido pela Prefeitura em parceria com o SESC, onde se desenvolveu a técnica do bordado mexicano aplicado em temáticas do ecossistema local, sensibilizando as aprendizes para questões relacionadas ao meio ambiente, às memórias afetivas e ao ativismo com o trabalho manual.

Também realizamos levantamento bibliográfico das obras de Luiz Beltrão e de outras publicações relevantes de pesquisadores da Folkcomunicação como Marques de Melo, Holfeldt, Schmidt, Trigueiro. Além disso, fizemos um levantamento em diferentes sites jornalísticos com a finalidade de trazer dados sobre coletivos de bordadeiras, e a história do bordado, sobre as Arpilleras chilenas e brasileiras, o bordado mexicano e a apropriação pelas *Artes Roses* “ecobordadeiras” de Bertioga. Nele estão

presentes os elementos folkcomunicacionais do bordado como suporte midiático e de memória, coletiva.

Portanto, o objetivo dessa reflexão está em relatar a experiência realizada na cidade de Bertioga, evidenciando como a prática artesanal do bordado é folkmídia que transmite saberes, registra memórias e constitui-se patrimônio cultural. Com isso demonstraremos que a prática milenar do bordado permanece na contemporaneidade como método artístico que liga os conhecimentos e as tecnologias do presente com saberes e processos ancestrais, em ativismos contemporâneos.

Fundamentos teóricos

No campo da Folkcomunicação as artes populares são compreendidas como meios de comunicação dos grupos marginalizados, ou seja, cada expressão artística é suporte para transmissão de informações individuais e coletivas. Isso quer dizer que o bordado é uma folkmídia que oferece vários elementos do processo de comunicação a serem estudados: a fonte - o emissor, o canal – meio/suporte, a mensagem – linguagem e códigos, o receptor – audiência de folk (SCHMIDT, 2022). São meios de expressão de ideias e informações próprias aos grupos em sua linguagem, de modo que emissor e receptor se fazem entender em uma comunicação própria ao mundo que pertencem. A expressão cultural abrange um processo de comunicação dos grupos que estão às margens dos meios políticos e comunicacionais hegemônicos, o que Beltrão define como “grupos marginalizados”, que podem ser urbanos, rurais ou culturalmente marginalizados (BELTRÃO, 1980).

No livro “Folkcomunicação, a comunicação dos marginalizados”, Luiz Beltrão (1980) apresenta como uma grande parcela da população, em todo o mundo, é marginalizada das dinâmicas hegemônicas da grandes mídias – como decorrência de uma subalternidade econômica, política e educacional – mas que, dentro de sua condição e realidade constituem uma diversidade de manifestações próprias às “classes subalternas”. Essas expressões sustentam uma inteligência popular para a comunicação interpessoal ou intergrupar, para a organização, resistência e ação dos “grupos marginalizados”. (SCHMIDT, 2012, p.33)

Excluídos do sistema de comunicação social, e não podendo – pela própria condição humana – dispensar o intercâmbio de mensagens

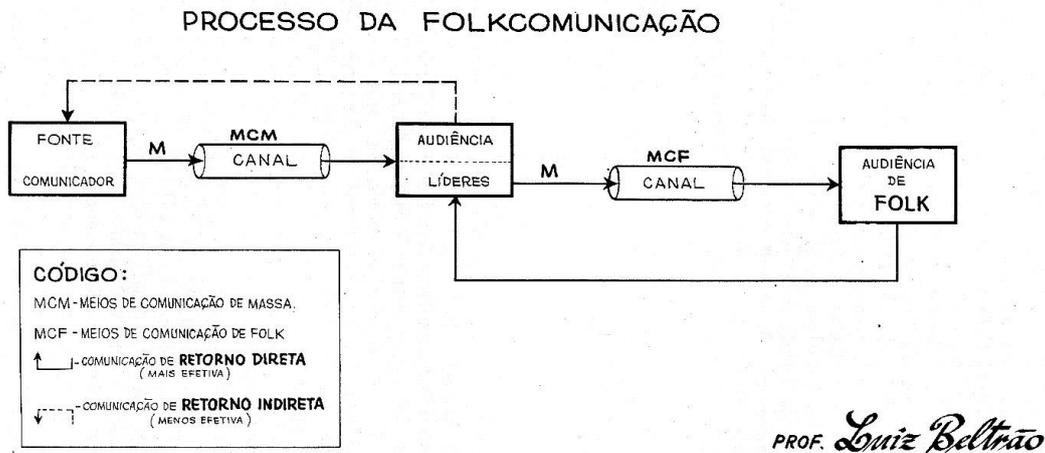
IX PENSACOM BRASIL – 07 e 08 de dezembro de 2022

culturais, integrariam sem dúvida outro complexo de procedimentos, modalidades, meios e agentes elaboradores e emissores de mensagens, ao nível de sua vivência, experiência e necessidades, e expressivas de sua ideologia, aspirações e opiniões. Seria através desse outro sistema que as camadas sociais identificadas como carentes intercambiariam elementos de informação, educação, incentivo, à melhoria material e espiritual de sua vida, e, afinal, de entretenimento e sonho adequado às condições socioeconômicas do seu dia a dia. (1980, p.23)

Schmidt (2012) avalia que ao estudarmos esses processos vamos nos deparar com leituras distintas sobre a realidade, os grupos marginalizados interpretam a sociedade e suas relações a partir de referenciais próprios à sua gente, à sua história, às suas lutas. Muitas vezes, suas expressões são questionadoras da visão “dominante” e institucionalizada. Portanto, essa expressão artística esta vinculada aos processos históricos e culturais de quem os faz; e, desse contexto, emergem os emissores e receptores, individuais ou coletivos, que vão transmitir suas mensagens “em linguagem própria a sua audiência”, pois têm como objetivo comunicar-se “com um mundo” específico de convivência. Nessa linha, ao adotarmos o bordado como objeto desta reflexão, fazemos um recorte de estudo que permita abarcar os conteúdos comunicacionais, o agente (líder de folk), e o produto ou meio (folkímídia).

Então, para situar esse processo no campo da Folkcomunicação, é muito importante retomar alguns conceitos que fundamentem as premissas colocadas acima. Luiz Beltrão apresenta os grupos marginalizados dos meios hegemônicos em seus processos específicos configurados como um “Sistema da Folkcomunicação”, no qual a construção de informações segue um procedimento que envolve mecanismos e relações particulares e contextualizadas em duas fases de interlocução, o que ele classifica como uma comunicação num fluxo de dois estágios: no primeiro momento a informação chega a um tipo de destinatário – líder de opinião, que decodifica e reproduz a mensagem para, no segundo estágio, transmiti-la a grupos de seu relacionamento. Conforme imagem abaixo, que consideramos importante sempre colocar nos textos para melhor visualização. (SCHMIDT, 2022)

Imagem 01: Diagrama – correlação entre dois sistemas de comunicação



Fonte: Luiz Beltrão, 1980, p.34.

Para Beltrão, o mecanismo de aproximação e diálogo nesse processo está na presença do líder comunicador, ou líder folk, ele é fundamental para que haja uma decodificação alinhada à audiência, uma comunicação mais efetiva com o grupo. De acordo com Luiz Beltrão a “liderança está intimamente ligada à credibilidade que merece no seu ambiente e à habilidade do agente comunicador de codificar a mensagem ao nível do entendimento dos seus receptores.” Como a sociedade é discriminatória e elitiza as formas de comunicação – por mais massivas que pretendam ser – desconsidera a maioria da população que tem processos peculiares de conhecimento, “através de um vocabulário escasso e organizado dentro de grupos de significados funcionais próprios” (1980, p.32).

É por isso que o pesquisador dá ênfase ao papel do líder de opinião nessa comunicação engajada. Esse “líder” vai estabelecer trocas informacionais mais amplas para formar um arcabouço que lhe dê credibilidade e sustentabilidade no grupo. Beltrão toma como referência Dumazedier (ver diagrama abaixo), e utiliza seu esquema para explicar como ocorre o fluxo informacional do líder comunicador no processo de folkcomunicação como uma comunicação com “fluxo em múltiplos estágios” (BELTRÃO, 1980, p.32).

O líder comunicador vai mediar as informações advindas da sociedade, dos vários grupos e meios, refletindo e redirecionando aos grupos receptores com as adequações. É um processo dinâmico e exige uma familiaridade e envolvimento intenso

IX PENSACOM BRASIL – 07 e 08 de dezembro de 2022

com a comunidade e articulado com o mundo externo, o que Trigueiro (2008), em estudos posteriores, denomina de ativista midiático – pois negocia as práticas comunicacionais e culturais na produção de bens culturais mediados. Ele, inclusive, vai diferenciar o líder comunicador de folk, do folk ativista. Enquanto o primeiro é conceituado por Beltrão como um decodificador, um interlocutor entre os diversos contextos culturais; o segundo, conceituado por Trigueiro, tem postura de ação e até atuação político-ativista na comunicação.

Mas, o fundamental nisso tudo é que Beltrão (1971, p15) considera todas as expressões de folkcom como “processos de intercâmbio de informações e manifestação de opiniões, ideias e atitudes da massa, através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore”. E que com seus meios próprios – folkmídias - conseguem atingir seus objetivos de interlocução entre si, se fazendo entender uns aos outros (1971, p.47) e podem ser apresentados nos formatos: oral, escrito e opinativo.

E, Beltrão (1971) coloca nessa categoria “opinativa” os meios de expressão de “entretenimento” que vão dos folguedos, Boi Bumbá, Carnaval; às artes populares e artesanato que trazem uma crítica, sátira ou opinião. Expressões valiosas que vão além de uma materialidade ou diversão.

Pois é tempo de não continuarmos a apreciar nessas manifestações folclóricas apenas os seus aspectos artísticos, a sua finalidade diversional, mas procurarmos entendê-las como a linguagem do povo, a expressão do seu pensar e do seu sentir, tantas e tantas vezes discordantes e mesmo opostos ao pensar e ao sentir das classes oficiais dirigentes. (1971, p.122-123)

Com base nesses fundamentos, podemos classificar os bordados como as folkmídias pelas quais os artistas que os executam vão expressar suas mensagens a respeito da realidade nas quais estão inseridos; e, nessas mídias bordam mensagens que demonstram suas emoções, seus sentimentos, e conhecimentos situando suas posições em diferentes contextos – ora como resistência, ora como acolhimento ou reconhecimento.

Desse percurso resultam demarcações identitárias importantes para os grupos e para a localidade na qual estão inseridos. Estas permitem circunscrever um território singular perante todas as imposições da sociedade global e, nessa localidade circunscrita, pessoas subalternizadas assumem o papel de líderes de folk ou atores socioculturais. É um processo de folkcomunicação que está diretamente ligado ao grupo

IX PENSACOM BRASIL – 07 e 08 de dezembro de 2022

em uma linguagem, peculiar aos participantes do processo, singular no contexto, e que auxilia na constituição e permanência da manifestação cultural.

A constância e ampliação dessas marcas identitárias ocorre pela realização frequente da expressão cultural na história, e passa pela manutenção de seus conhecimentos técnicos e suas vivências ao ponto de formar sua identidade. Tal dinâmica fortalece o envolvimento e pertencimento dos indivíduos a uma sociedade, a um grupo, ou a um lugar e isso vai constituindo um arcabouço cultural, um patrimônio. Isso significa que tudo o que constitui os saberes e fazeres de uma sociedade e que tenha valor distinto ao grupo pode ser considerado patrimônio.

Importante destacar que a manutenção do patrimônio cultural imaterial está justamente na transmissão desses conhecimentos de uma geração a outra, mesmo que com adaptações à realidade que se apresenta. A comunicação de seus saberes fortalece o vínculo e identidade do grupo, pois ocorre de forma horizontal em fluxos de informação necessários para a compreensão de todos os envolvidos.

O bordado, as Roses, e o processo folkcomunicacional

Quando abordamos a arte popular/o bordado no campo da Folkcomunicação, mais que fundamentar com uma teoria, adotamos uma postura de trabalho que diferencia-nos de muitos outros pesquisadores. A folkcomunicação faz com que pesquisador e objeto se aproximem nas vivências, na cumplicidade do processo, na abrangência de um grupo que está nas bordas dos grandes processos comunicacionais. Um trabalho dialogado com grupos marginalizados que criam seus próprios meios para transmitir seus saberes e fazeres, histórias de luta, experiências de superação.

E foi o que ocorreu no processo de pesquisa que resulta neste artigo. Por meio de uma pesquisa participante vivenciamos durante 10 meses um curso de bordado oferecido pela Prefeitura de Bertoga em parceria com o SESC da localidade, no período de agosto de 2021 a junho de 2022, em encontros semanais, onde foi ensinada a técnica do bordado mexicano aplicado em temáticas do ecossistema local. O objetivo principal era oferecer um curso de capacitação para pessoas interessadas em aprender uma técnica artesanal, potencializando o trabalho manual, de modo que as aprendizes se sensibilizassem para questões relacionadas ao meio ambiente e ao turismo local. Mas,

IX PENSACOM BRASIL – 07 e 08 de dezembro de 2022

além disso, por estar num contexto de pandemia, o curso teve uma função ampliada de acolhimento, sociabilidade, e promoção das memórias afetivas.

A proposta do curso esteve voltada à potencialização do artesanato engajado às características locais, que trouxessem temáticas relacionadas à cidade – em termos culturais e ambientais. Para entender melhor o que significa isso, segue antes as características da cidade de Bertioga; e, depois, os aspectos específicos relacionados ao trabalho realizado pela *Arte.Roses*, também conhecidas como “**ecobordadeiras**” de Bertioga.

A cidade de Bertioga, emancipada em 1991, tem população estimada em 68 mil pessoas, faz parte da Região Metropolitana da Baixada Santista – RMBS, e fica à cerca de 100 km da Região Metropolitana de São Paulo. Situada ao norte da Região, é um município de conexão entre a Baixada Santista (Bertioga, Cubatão, Guarujá, Itanhaém, Mongaguá, Peruíbe, Praia Grande, Santos e São Vicente) e o Litoral Norte do Estado de São Paulo (São Sebastião, Ilha Bela, Caraguatatuba, Ubatuba).

A RMBS se qualifica pela diversidade econômica, onde se destacam as áreas da indústria, dos serviços e do turismo. Notabiliza-se por sediar as instalações de grandes polos produtivos que envolvem o Porto de Santos, a Petrobrás, e grandes Indústrias químicas e de metalurgia, produtoras de bebidas e inúmeras empresas ligadas à importação e exportação

Outro segmento importante que envolve as duas regiões, e é majoritário em Bertioga, é o de turismo e ecoturismo. Essa área estimula fortemente a hotelaria e gastronomia, e alavanca o comércio e os serviços, assim como impulsiona o ramo imobiliário, e ainda potencializa outras atividades como festas culturais, os esportes, as artes e os artesanatos.

Aspectos fundamentais que fazem de Bertioga uma cidade diferenciada é sua composição com vários ecossistemas naturais: Mata Atlântica, Restinga, Mangue e Mar; o que configura uma rica diversidade natural de flora, fauna, hidrografia – rios e cachoeiras. Além disso, seu território também abriga a Aldeia Indígena Guarani do Rio Silveiras. Também, possui patrimônios culturais materiais muito relevantes para a história e a economia, como é o caso da Hidrelétrica e Vila de Itatinga, construída em 1910 para fornecer energia ao Porto de Santos. E, as ruínas da Armação das Baleias, da Igreja Nossa Senhora do Guaimbê, do Forte São Felipe e do Forte São João; todos

IX PENSACOM BRASIL – 07 e 08 de dezembro de 2022

patrimônios relacionados ao período de colonização e atuação de Jesuítas. Isso tudo constitui um rico patrimônio natural e cultural protegido por reservas e parques.

Importante salientar ainda que a população de Bertioga é formada por muitos migrantes principalmente dos estados do nordeste, do Rio de Janeiro, de Minas Gerais, e do interior de São Paulo que aportam na cidade em busca de trabalho, oportunidades de negócio, de melhores condições de vida. Como é o caso das irmãs Roses, artesãs que vieram do Rio de Janeiro, tiveram uma passagem por Minas Gerais e acabaram se fixando nesta cidade.

Rosemeri e Rosângela, nasceram em Jacarepaguá, Rio de Janeiro, e moram há 29 anos em Bertioga. Iniciaram suas atividades com costura, foram se aperfeiçoando em patchwork, e depois somaram a costura ao bordado. Atualmente se dedicam a essa produção de bordado que “tem tomado forma apresentando a fauna e a flora dos biomas brasileiros e a cultura local de Bertioga, que caminha com a conscientização, preservação e conservação destes”, se apresentam as irmãs no Instagram. Arte.Roses então se configura como a marca, a posição identitária e mercadológica do trabalho das irmãs.

Figuras 01 e 02 – Rosângela e Rosemeri



Fonte: Instagram *Arte.Roses*

Um ano antes de surgir o curso de bordado, as *Roses* participaram de uma “formação empreendedora” oferecida pelo SESC Bertioga aos artesãos locais a fim de que cada um deles encontrasse um viés produtivo e pudessem dominar as técnicas. Esse

IX PENSACOM BRASIL – 07 e 08 de dezembro de 2022

produto seria o início de um processo para criação de um vínculo com a identidade local, um movimento de sociabilização das técnicas e de sensibilização socioambiental por meio das práticas artesanais.

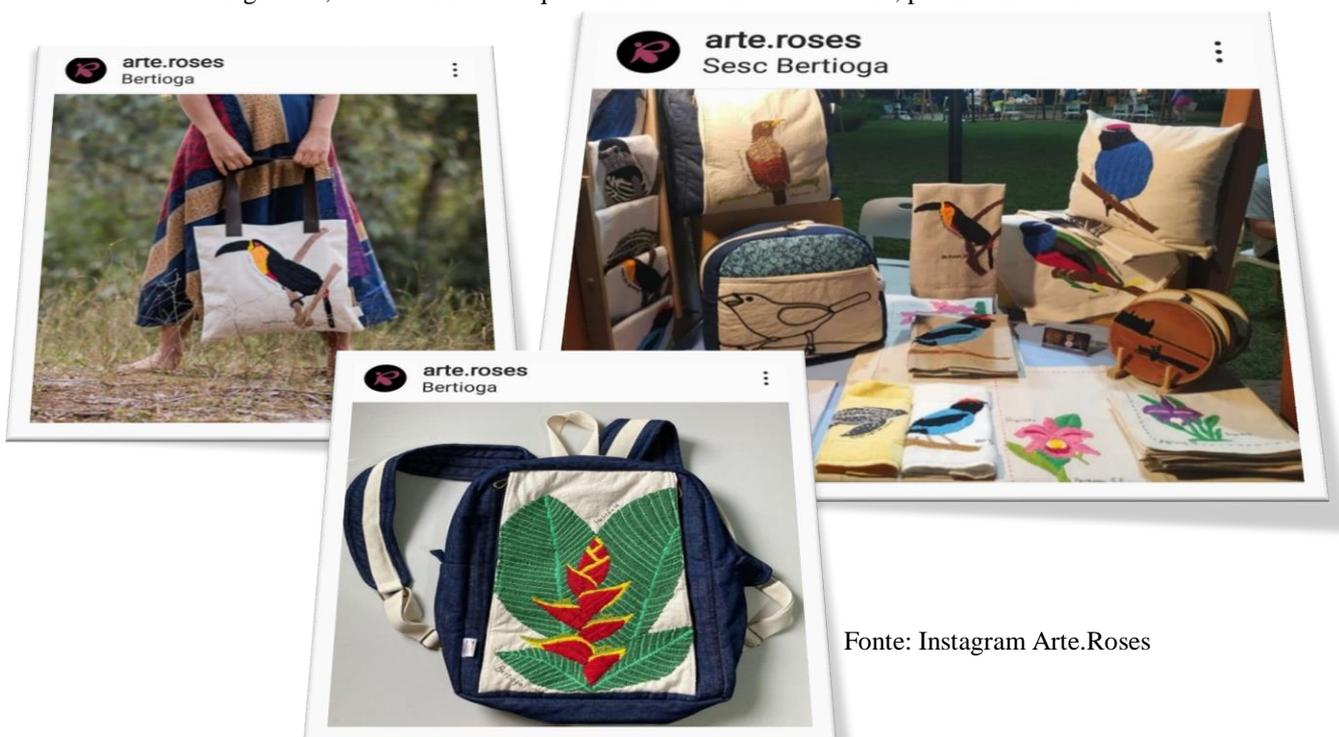
As irmãs fizeram várias vivências e, algumas delas, na Floresta Atlântica. Foram imersões para instigar suas percepções sobre a fauna e flora local, sobre os ecossistemas, levando ao entendimento das potencialidades turísticas, às necessidades de preservação ambiental. Somando a isso tudo, buscaram as técnicas do bordado mexicano, especificamente o *tenango*, cuja origem está em retratar animais reais ou fantásticos. Após esse processo, definiram um diferencial de produção “confeções artesanais inspiradas na biodiversidade dos biomas brasileiros”.

Figura 03 e 04: Bordados representativos da fauna de Bertioga.



Fonte: Instagram Arte.Roses

Figura 05, 06 e 07: Produtos que somam as técnicas de costura, patchwork e bordado.



Fonte: Instagram Arte.Roses

IX PENSACOM BRASIL – 07 e 08 de dezembro de 2022

Todo esse processo pelo qual as irmãs foram passando, é o que definimos acima como a captação das referências culturais, dos saberes sobre a localidade misturada com o arcabouço que as irmãs trouxeram de suas heranças culturais. Elas foram se constituindo em agentes de folkcomunicação na medida que assimilavam os conhecimentos; e, logo em seguida passaram a líderes comunicadoras, ou líderes de folkcom, enquanto professoras transmissoras de técnicas e de informações por meio do bordado, ou seja, de uma folkmídia.

No curso de bordado oferecido pela Prefeitura de Bertioga, as duas irmãs Rosemeire e Rosângela, as *Roses*, foram as professoras que ensinaram as técnicas do bordado mexicano para cerca de 80 mulheres, com faixas etárias e escolaridades diversas, em quatro bairros diferentes da cidade. As ilustrações abaixo mostram o modo natural como as irmãs conduzem o processo de folkcomunicação.

Figura 08, 09: Dinâmica do Curso de Bordado.



Figura 10 e 11: Uma das turmas finalizadas e Trabalho de alunas.



Fonte: Instagram Arte.Roses

IX PENSACOM BRASIL – 07 e 08 de dezembro de 2022

Durante as aulas, além das técnicas do bordado, ocorreram muitas trocas de sentimentos e de informações entre as participantes. Os grupos eram em sua totalidade formada por mulheres, mas bem diversificado em termos de etnia, idade, origem, história, escolaridade e classe social; o que permitiu uma troca de saberes muito rica, um acolhimento em momento delicado de pandemia, um processo de escuta importante, e uma acentuada sensibilização do olhar para a natureza e a vida.

Acompanhando todo esse processo pudemos constatar que as irmãs Roses foram e são produtoras de folkcomunicação que estão organicamente entranhadas nos fazeres técnicos do bordado e também nos saberes que a cidade oferece em termos de referências e patrimônios. Elas se comunicam diretamente com suas receptoras sobre as questões prementes a serem esclarecidas e encaminhadas num contexto de potencialidades, colocando claramente as temáticas, convidando ao envolvimento direto com a fauna e flora, com as sensações e emoções que isso proporciona.

Além disso, as Roses fazem a mediação entre as instituições, as mídias e redes sociais com os grupos subalternizados. Isso pois, estiveram envolvidos no processo mediado por elas a Prefeitura, o Sesc, o jornal e TV locais, página no *Instagram*, as artesãs e aprendizes; todos voltados ao incremento ou à criação de produtos inovando e se diferenciando do artesanato local. O bordado nesse processo foi o suporte informacional que possibilitou conhecer e registrar o ambiente, e se posicionar diante dos fatos. É uma manifestação artística que constitui um processo de comunicação das necessidades individuais e coletivas através de um sistema simbólico (linguagem) singular ao grupo que se comunica.

Finalizando, o *Arte.Roses* é uma referência de artesanato na região, e se amplia para outras localidades. As irmãs têm participado intensamente de atividades apoiadas e promovidas pelo SESC, levando-as para feiras em diferentes unidades da instituição pelo interior de São Paulo; viabilizando palestras, entrevistas e oficinas de divulgação do trabalho e do que essa expressão artística representa enquanto processo de criação, empoderamento e projeção profissional.

Figura 12: Pássaro 7 cores bordado



Fonte: Instagram Arte.Roses

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi apresentado, podemos considerar que o bordado adquire função folkcomunicação, transmitindo temáticas ligadas a questões socioculturais diversas—no caso estudado a biodiversidade ambiental. A prática é processo de folkcomunicação, produto é folkmídia, as bordadeiras Roses passam de folk comunicadoras para folk-ativistas, na medida que empreendem, transmitem um posicionamento, se colocam nas redes sociais.

As mensagens contêm as histórias e vivências daqueles que bordam, uma codificação mediada pelos diferentes líderes de opinião – que também são membros e atuantes nesses processos artísticos, e são veiculadas nas suas produções/mídias/bordados para o receptor interno – as bordadeiras que participam do processo; e, para o receptor externo nas ações que participarem coletivamente como em exposições, eventos culturais e feiras que abrangem diferentes públicos.

A *Arte.Roses* tornou-se referência no artesanato regional, elas oferecem cursos, participam de exposições e vendem suas produções em feiras de arte e artesanato, lojas turísticas, e eventos. Nesse processo todo, as artistas também trazem um viés de resistência e empoderamento. Pois, as bordadeiras envolvidas nos cursos, nas oficinas, na dinâmica comercial criam um diferencial social de identificação, de troca de saberes, e constituição de um patrimônio imaterial.

Por isso, podemos considerar que, registrar o vivido em produções artísticas como o bordado é definir a importância de cada indivíduo como protagonista da história e do saber na coletividade. O bordado tornou-se o meio pelo qual as mensagens dessas artesãs subalternizadas expandem sua marca cultural, criando um posicionamento mercadológico que se amplia enquanto produto cultural, como conteúdo de identidade, e como importante veículo de comunicação.

REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Luiz. **Comunicação e folclore**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e de expressão de ideias. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação, a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

HOHLFELDT, Antonio. Luiz Beltrão: o profissional de Jornalismo e o preparador de jornalistas. In BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação, de fatos e de expressão de idéias. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

PEREIRA, Carolina Nascimento e TRINCHÃO Gláucia Maria Costa. **O bordado como ferramenta educacional no Brasil entre os séculos XIX e XX**. Revista História da Educação (Online), 2021, v. 25: e101244 DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/101244>.

SCHMIDT, Cristina. Resistência ponto-a-ponto: **O bordado político como suporte midiático de luta contra a desinformação**. Trabalho apresentado no GP 18 – Folkcomunicação. ANAIS - 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. João Pessoa/PA, 2022.

SCHMIDT, Cristina. **Artesanato: mídia popular e o lembrar comunitário**. Juiz de Fora/MG: Anais da XIV conferência Brasileira de Folkcomunicação, 2012.

SCHMIDT, Cristina (ORG.). **Folkcomunicação na Arena Global** : avanços teóricos e metodológicos. São Paulo: Ductor, 2006.

SIMÕES, Lucas. **Bordados de luta**. Disponível em <https://www.obeltrano.com.br/portfolio/bordado-de-luta/>. Acesso em 06/06/2022.

TRIGUEIRO, Osvaldo. **Folkcomunicação e ativismo midiático**. João Pessoa/PB: Editora Universitária da UFPB, 2008.